



REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

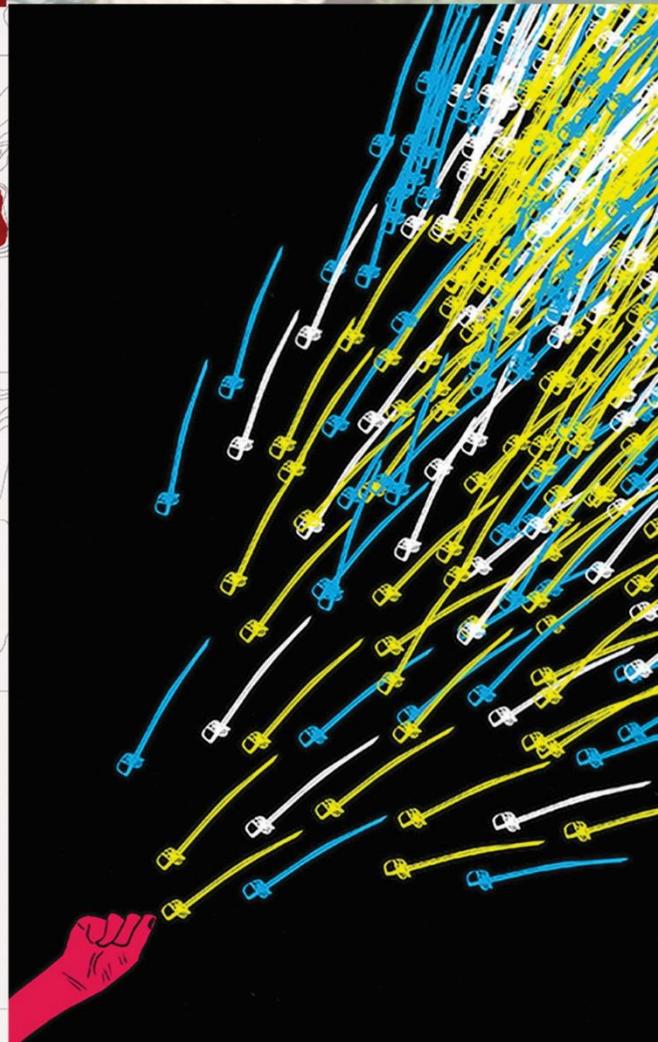
VOL. 05, Nº 2 - 3º TRIMESTRE - 2020

ISSN 2448-1793



Dossiê
20 anos

Curso de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade Estadual de Goiás



Resenha

O SEPTUAGÉSIMO ANIVERSÁRIO DO DISCO DA MÚSICA MOÇAMBICANA SAMUEL MATUSSE

Maputo: Minerva Print, 2016.

<https://doi.org/10.5281/zenodo.4667836>

Envio: 15/05/2020 ♦ Aceite: 20/07/2020

Jean Carlos Vieira Santos



Pós-doutor em Turismo pela Universidade do Algarve. Doutor pelo Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia; mestre pelo Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Graduado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. Professor na Universidade Estadual de Goiás - UEG, no Programa de Mestrado Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER).

Essa obra¹ narra a história da tradição musical de um povo, de um país repleto de diferentes paisagens culturais que valorizam o território. Nesse universo se destacam elementos como o bairro de Mafala em Maputo, a gastronomia com aromas africanos e arabizados, as mesquitas, as igrejas católicas, a literatura, os rituais com vinho de canhú nas comunidades do sul moçambicano, os mercados e as feiras que sinalizam o

¹ O contato com a obra e o autor e também professor universitário Samuel Matusse ocorreu entre os dias 26 e 27 de novembro de 2018, durante o Congresso Internacional “Cultura e Turismo: Desenvolvimento nacional, promoção da paz e aproximação entre nações”, realizado na Universidade Politécnica de Maputo (Moçambique). O evento reuniu estudantes, investigadores e profissionais das áreas de Estudos Culturais, Comunicação, Turismo e de outros campos das Ciências Sociais e Humanas de países como Moçambique, Brasil, Portugal e Espanha, além da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). A participação no evento foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Goiás (FAPEG).

processo organizacional de variados grupos sociais construídos ao longo do espaço e tempo.

Matusse (2016) apresenta um texto inteligente com uma escrita simples que contribui com as lacunas teóricas de uma nação cujo conhecimento científico ainda está em construção, além de mostrar um misto de poesias, com reportagens e uso da linguagem do cotidiano popular, mas sem vulgarizar. Assim, o autor salienta como o primeiro disco foi produzido em Moçambique, em plena época colonial, momento no qual fervilhava o pensamento de libertação do colonialismo em frentes diversificadas.

No presente exemplar, Matusse (2016, p.9) recorre a uma linguagem não rebuscada para evitar “[...] o risco de deturpar o que com linguagem simples foi mostrado e contado pelo povo”, os verdadeiros donos “[...] dos adágios. Canções e ritmos”. Desse modo, a obra é dividida em pequenos calátides, inicialmente afirmando que o “[...] primeiro registro de música moçambicana aconteceu em 1945, mas muito antes disso, o povo já cantava em qualquer tipo de evento, quer alegre, triste, de celebração” (MATUSSE, 2016, p.9).

Nesse encadeamento de ideias, o autor expõe a música de boas-vindas ao Neófito e a música infantil tradicional, cujo repertório é interpretado pelas crianças durante as brincadeiras. Outro ponto que merece ser destacado é o relato sobre a música tradicional fúnebre, em que Matusse (2016, p.14) valoriza algumas tribos africanas ao dizer que o repertório é “[...] composto por canções de melodias alegres com um ritmo dançante e que muitas vezes em plenas exéquias, dança-se de forma efusiva, não como uma ação espontânea, mas como resultado de um ensaio prévio”.

Desse modo, o autor objetivamente escreve, sem perder a riqueza de detalhes de uma história, o canto da mulher casada em plena labuta, que era o “[...] barômetro com que os sogros avaliavam o seu estado de espírito, pois a letra indicava se estava tudo bem ou se o marido cometera alguma falta” (MATUSSE, 2016, p.15). Nas entrelinhas do livro é divulgado que homem e mulher, além da sátira, crítica e desabafos, cantavam o amor e a saudade da pessoa amada; no entanto, também abordavam as decepções de amor, como em qualquer outro território musical.

A investigação apresenta um quadro que narra a música na guerra, as calamidades que também inspiram canções, a música nos contos tradicionais e um repertório do cancionário popular repleto de “[...] cantigas com teor crítico dos comportamentos desviantes, satírico e romântico. [...] canções de crítica à mulher que abandona o casamento para voltar à casa dos pais” (MATUSSE, 2016, p.22). O autor preconiza que, em muitas tradições, é necessário cantar para o curandeiro entrar em transe.

No trabalho ora apresentado, sintetiza-se que a música e a dança são duas faces da mesma moeda, pois o nome de um estilo de música é, simultaneamente, a denominação de uma dança. Nesse entremeio é revelado que os instrumentos da música moçambicana “[...] primeiro foram feitos com o que a natureza fornecia: troncos de árvores, peles dos animais, etc.” (MATUSSE, 2016, p.30). Em um tempo mais atual, marcado pela modernidade, começou-se a fabricar instrumentos com materiais artificiais; porém, o autor não critica tal “modernização musical”.

Ademais, são elencados importantes músicos de Moçambique, como Fany Mpfumo, Alexandre Langa, Armando Magaia, Paulo Miambo, Francisco Mahecuane, Ben Massinga, Alexandre Jafety, Gabriel Muthemba, Tonganyane e Eusébio Tamele. Segundo Matusse (2016, p.49), tais artistas “[...] baseavam-se no que o povo cantava”, canções que tinham um cari contestatório ao sistema colonial.

Outra considerável contribuição do livro é a relação dos artistas com a Rádio Clube de Moçambique. A radiodifusão começou no país em 1933, mas, nesse tempo, não existiu uma parceria entre emissoras e cantores. Dessa maneira, apenas a emissora “Hora Nativa/Voz de Moçambique” divulgava os discos da terra, “[...] mas bania muitos, por palavras torpes e conteúdo politicamente incorreto, para o dissabor das estruturas governativas de então” (MATUSSE, 2016, p.52).

Diante disso, Matusse (2016, p.52) arrazoia que os discos moçambicanos “[...] só começaram a ser radiodifundidos na estação criada, com a colaboração do Professor Samuel Dabula, nos meados da década de [19]50, a ‘Hora Nativa’ e depois transformada em ‘Voz de Moçambique’”. A obra destaca que Samuel Dabula, além de professor, foi o

primeiro locutor do país e primeiro relator esportivo. Nacionalista com ideias independentistas, ele deixou um imenso legado nas áreas de ensino e cultura.

Além de tocar as músicas de artistas do país, a “Voz de Moçambique” começou “[...] a gravar a música nacional em fitas magnéticas para alimentar suas emissões. Por outro lado, o programa África Noite, que tinha exibição dos agrupamentos ao vivo, também fazia captações” (MATUSSE, 2016, p.60). Muitos desses temas se tornaram clássicos do repertório nacional, pois a maior parte das músicas, até os anos 1990, estava gravada em fitas.

Nesse contexto, Matusse (2016, p.62) ressalta as vozes femininas de “[...] Ilda Isabel Estevão e Macunguele Matânia Dabula”, que se notabilizaram no teatro radiofônico e na locução da então “Voz de Moçambique”. Em uma investigação sobre os retalhos da história da música moçambicana, Matusse (2016) destaca o papel das editoras em um país colonial; a Rádio Moçambique, que também se torna editora em 1980; a exploração da indústria discográfica; e o racismo na música nacional.

O livro ora resenhado oferece ao leitor parte da histórica moçambicana não documentada, com fatos relacionados à música e aos artistas. Sobressai o espírito patriótico do autor, não somente por ter participado, de maneira ativa, nas manifestações culturais descritas na obra, como também por abordar longas horas de escuta que foram colhidas durante os trabalhos de campo. Essa é, porquanto, uma verdadeira contribuição para a cultura e a literatura de Moçambique, país banhado não somente pelas águas do Oceano Índico, mas também pelas influências culturais trazidas por ele no passado e durante as primeiras décadas do século XXI.

Entende-se que Matusse (2016) deixa outras possibilidades de investigações, apesar de não demonstrar esse objetivo ou preocupação. Portanto, pode-se dizer que tal obra revela um contexto espaço-temporal da musicalidade moçambicana, de um povo que é territorial, com sujeitos de infinita criatividade.

De fato, a leitura da obra proporcionou uma viagem pela história do rádio, dos músicos e da musicalidade lusófona, o que oportunizou viver a vastidão interminável de um universo construído por sujeitos preocupados em sociabilizar a arte, o modo de vida e o jeito de ser. A diferenciação de linguagens, crenças e práticas culturais está na escrita

simples de Samuel Matusse, o que indica nas entrelinhas a dura luta pela sobrevivência em uma colônia que tenta se reconstruir após a recente independência.

Viaje pelos textos dessa inspiradora e riquíssima contribuição!

REFERÊNCIA

MATUSSE, Samuel. *O Septuagésimo Aniversário do Disco da Música Moçambicana*. Maputo: Minerva Print, 2016.



Artista: **George dos Anjos**